

## Os carnavais de Roger Bastide: contribuição para a história dos estudos antropológicos e sociológicos do Carnaval brasileiro

*Roger Bastide's Carnival: contribution to the history of anthropological and sociological studies of Brazilian Carnival*

**William Santana Santos**

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/5813>

DOI: 10.4000/pontourbe.5813

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Referência eletrónica**

William Santana Santos, « Os carnavais de Roger Bastide: contribuição para a história dos estudos antropológicos e sociológicos do Carnaval brasileiro », *Ponto Urbe* [Online], 23 | 2018, posto online no dia 28 dezembro 2018, consultado o 10 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/5813> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.5813>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 10 dezembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

---

# Os carnavais de Roger Bastide: contribuição para a história dos estudos antropológicos e sociológicos do Carnaval brasileiro

*Roger Bastide's Carnival: contribution to the history of anthropological and sociological studies of Brazilian Carnival*

**William Santana Santos**

---

## Apresentação

- 1 A história dos estudos sociológicos e antropológicos do Carnaval brasileiro, fenômeno tão importante para se compreender essa sociedade, ainda está para ser escrita. Somente tardiamente, na década de 1970, houve uma sistematização e proliferação desses estudos: na Antropologia, a partir dos conhecidos trabalhos de Roberto Da Matta (1973; 1979); e na Sociologia, com as pesquisas de Maria Isaura Pereira de Queiroz e seu grupo no Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU). A *I Jornada de Estudos sobre o Carnaval*, organizada pelo centro<sup>1</sup> no ano de 1977, marca uma inflexão no campo. Deste evento para cá, vários trabalhos antropológicos e sociológicos foram realizados abordando o carnaval brasileiro<sup>2</sup>.
- 2 Porém, para contar bem essa história, é preciso voltar ao início das ciências sociais no Brasil na década de 1930 e 1940 quando dois dos responsáveis pela institucionalização dessas ciências já abordavam o carnaval brasileiro em suas pesquisas e reflexões. O pioneirismo é do alagoano Arthur Ramos (1903-1949) – médico de formação e um dos protagonistas da institucionalização da antropologia no Rio de Janeiro – que dedicou um capítulo ao Carnaval em suas pesquisas sobre a cultura afro-brasileira registradas em seu livro *Folclore do negro brasileiro* [1935]. Mas coube ao sociólogo Roger Bastide (1898-1974) – membro da missão francesa e principal responsável pela

institucionalização da sociologia em São Paulo – desenvolver e aprofundar as sugestões de Arthur Ramos em novas pesquisas de campo.

- 3 Roger Bastide realizou duas pesquisas relevantes sobre o Carnaval brasileiro na década de 1940. A primeira, de 1940, aborda sociologicamente o Carnaval paulistano e teve seus resultados publicados no jornal *O Estado de S. Paulo* sob o título *Carnaval e imigração* [1940]. A segunda trata do carnaval de Recife, em pesquisa oriunda de viagem realizada em 1944 ao nordeste. O relato sociológico dessa viagem pode ser encontrado em seu livro *Imagens do nordeste místico em branco e preto* [1945]. Bastide volta ao tema do carnaval em outros textos no decorrer de sua trajetória, porém sem apresentar novidades, apenas retomando os resultados dessas duas pesquisas iniciais<sup>3</sup>. Dessa forma, o principal objetivo desse artigo é a divulgação dessas pesquisas pioneiras e suas reflexões sobre o Carnaval brasileiro nas Ciências Sociais.

## Roger Bastide e Arthur Ramos: um diálogo carnavalesco

- 4 Roger Bastide chega ao Brasil em 1938 para lecionar Sociologia no departamento de Ciências Sociais da recente Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1934). Permaneceu no país durante dezesseis anos, retornando à França em 1954. A atividade intelectual do sociólogo francês nesse período foi intensa<sup>4</sup>. Nos primeiros anos, Roger Bastide se interessou pelos problemas da arte brasileira, criando e dirigindo um programa de pesquisa em sociologia da arte na FFCL/USP. Bastide e seus professores assistentes ministraram, nesse período, diversos cursos de sociologia estética, também realizaram e orientaram pesquisas acadêmicas na área, além de produzirem – junto a seus alunos e alunas – conjunto numeroso de publicações decorrentes de tais pesquisas. Os quatro primeiros livros de Bastide editados no Brasil, *Psicanálise do cafuné e estudos de sociologia estética brasileira* (1941), *A poesia afro-brasileira* (1943), *Imagens do Nordeste místico em branco e preto* (1945) e *Arte e sociedade* (1945) podem ser vistos como os primeiros frutos do programa de pesquisa<sup>5</sup>.
- 5 O exame das manifestações artísticas nacionais ofereceu ao sociólogo francês uma porta de acesso privilegiada para o entendimento do Brasil – país mestiço, de raízes coloniais e escravistas (Peixoto, 2000, p. 59). O tema dos contatos culturais passou a ser então uma constante nas pesquisas realizadas por Roger Bastide, que passou a buscar africanismos na produção artística brasileira, tanto na de feição erudita quanto na de corte popular. O que a análise dessa produção artística afro-brasileira aponta, em última instância, “é a presença de uma África em surdina, passível de ser recuperável pelo intérprete ‘iniciado’, o único capaz de driblar exotismos e incorporar efetivamente o elemento africano” (Peixoto, 2000, p. 93).
- 6 Fernanda Peixoto (2000) defende que é com esse interesse de descobrir a África no Brasil que o sociólogo francês estabeleceu “diálogos” com autores brasileiros modernistas - Mário de Andrade, Sérgio Milliet, etc. - e com a tradição africanista nacional - Nina Rodrigues, Gilberto Freyre e Arthur Ramos. E foi através do diálogo com Arthur Ramos sobre a cultura negra brasileira que Bastide teve contato com as reflexões antropológicas do autor sobre o Carnaval brasileiro. Para compreender o “diálogo carnavalesco” estabelecido entre Bastide e Arthur Ramos, é necessária uma

rápida digressão ao pensamento deste estudioso do negro brasileiro e a suas concepções sobre o Carnaval.

- 7 Arthur Ramos, Nascido na cidade de Pilar (AL) em 1903, formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1926. Em 1928, foi nomeado médico legista do serviço Médico do Estado da Bahia. Ao entrar em contato com a obra etnográfica de Nina Rodrigues no exercício de suas atividades científicas e profissionais, iniciou seus estudos do negro brasileiro. Foram os esforços de Arthur Ramos que garantiram um campo específico para o estudo do negro quando as primeiras universidades brasileiras foram criadas<sup>6</sup> (Silva, 2002, p. 83). De 1934 a 1942, Arthur Ramos lança quatro obras – *O Negro Brasileiro* (publicada em 1934, revista e ampliada em 1940), *O Folclore Negro do Brasil* (1935), *As Culturas Negras no Novo Mundo* (1935), a *Aculturação Negra no Brasil* (1942) – que se propõem a compendiar e analisar influências africanas na religião e na cultura brasileiras. Roger Bastide considera esses livros como seus iniciadores nos estudos sobre o negro no Brasil (Bastide, 1939a).
- 8 No Livro *O Folclore do negro brasileiro* (1935), em que trata do carnaval, Arthur Ramos une métodos da antropologia cultural, psicanálise e psicologia social para propor uma nova maneira de estudar o “folclore negro” do Brasil, de forma que ele não seja visto como material pitoresco para recreio de espíritos curiosos. Esse registro ainda busca negar o tratamento do tema como uma história amena de curiosidades domésticas e sociais da vida do negro nas plantações, nos engenhos, nas minas e nos trabalhos da cidade. O autor defende que ele seja um “método de exploração científica do seu inconsciente coletivo”, mesmo método que acredita ter aplicado no estudo de suas religiões e dos seus cultos em seu livro anterior *O Negro Brasileiro* (1934). Ao tratar do seu novo objeto diz que “agora trabalhamos com material diferente, embora aproximados um do outro. Religiões, cultos, folclore... ‘estradas régias’ que levam ao inconsciente coletivo” (Ramos, 2007, p. 7).
- 9 Com essa premissa em mente, Artur Ramos analisou, neste segundo livro, a cultura popular do negro brasileiro através de mitos, contos, autos, danças e músicas. No último capítulo, intitulado “Conclusão: o inconsciente folclórico”, o autor aborda o Carnaval brasileiro. Inicialmente, resume o argumento central da obra: o negro no Brasil, perseguido pelo branco, escondeu suas crenças nos terreiros das macumbas e dos candomblés, o folclore seria então “a válvula pela qual ele se comunicou com a civilização branca, impregnando-a de maneira definitiva” (Ramos, 2007, p. 229). No que tange ao Carnaval brasileiro, o autor afirma que a introdução do africano na festa de origem europeia teria transformado completamente a imagem do antigo Carnaval europeu. O negro teria aproveitado as instituições aqui encontradas e por ela canalizado o seu inconsciente ancestral nos autos europeus e ameríndios do ciclo das janeiras, nas festas populares, na música e na dança e principalmente no Carnaval:

Todos os anos a Praça Onze de Junho, no Rio de Janeiro, recebe a avalanche dessa catarse coletiva. Ali, o carnaval é apenas um pretexto. Porque todo um mundo de sentimentos, de crenças e de desejos, não tolerados na vida comum, desperta de um trabalho surdo de recalques contínuos. O carnaval é uma visão espectral da cultura de um grupo humano. Os civilizados explodem a sua vida instintiva reprimida. Mas o primitivo apenas se mostra na sua espontaneidade de origem. É o caso da Praça Onze, conglomerado de todo um inconsciente ancestral. Ali se reúnem, periodicamente, velhas imagens do continente negro, que foram transplantadas para o Brasil: o monarca das selvas africanas, reis, rainhas e embaixadores, totens, feiticeiros e xamãs, homens-tigres e homens panteras, griots, menestréis e bardos

negros, pais-de-santo, antepassados, pais grandes e adolescentes em iniciação ritual (Ramos, 2007, p. 229-230).

- 10 Para Arthur Ramos, o folião comum das avenidas passa por esses folguedos e não compreende o que vê, esses veriam apenas uma festa comum. Mas para o etnógrafo “treinado” - as cerimônias de guerra e caça, danças, desfiles totêmicos, ranchos, clubes, embaixadas, desfiles régios, a música - seriam fragmentos mágico-religiosos. Segundo o autor,
- num tempo absolutamente restrito, assistimos à recapitulação de toda uma vida coletiva. Instituições que se fragmentam, se esboroam e se diluem. Todo um trabalho semelhante ao da elaboração onírica (*Traumarbeit*) encontramos ali: condensações, simbolismos, disfarces, sublimações, derivações... (Ramos, 2007, p. 230).
- 11 O autor conclui em tom de otimismo, ao afirmar que a Praça-onze era a fronteira entre a cultura negra e a branco-europeia, fronteira sem limites precisos, onde se interpenetrariam instituições e se revezariam culturas. E que, por sua vez:
- A praça-onze já é um símbolo de todas as Praça Onze disseminadas pelos focos de cultura negra no Brasil. O negro evadido dos engenhos e das plantações, e das minas, e dos trabalhos domésticos das cidades, e dos mocambos, e das favelas, e dos morros... vai mostrar nas Praças Onze o seu inconsciente folclórico. Evadido no tempo e deslocado no espaço, o negro realiza então um símbolo. O inconsciente folclórico é uma síntese do inconsciente ancestral e do inconsciente intersíquico. É um conteúdo estrutural, um *paideuma*<sup>7</sup> (Ramos, 2007, p. 230).
- 12 Como veremos a seguir, Roger Bastide toma como ponto de partida para suas reflexões sociológicas sobre o Carnaval brasileiro essa “interpretação etnológica” sobre o Carnaval carioca proposta por Arthur Ramos. Bastide aceita as premissas de Ramos, enriquecendo-as com novas pesquisas de campo, com um olhar etnográfico acurado e uma firme bagagem teórica advinda de sua formação em filosofia e sociologia.

## 1ª pesquisa de Roger Bastide: O Carnaval de São Paulo e a imigração

- 13 Desde fins do século XIX e por toda primeira metade do século XX, São Paulo conheceu um crescimento econômico constante, o que levou a uma vigorosa expansão de sua população por meio da imigração e da urbanização. As populações indígenas e negras foram perdendo sua superioridade numérica em favor dos novos chegados, fossem eles imigrantes ou migrantes no meio do século (Arruda, 2001, p. 60). Cada vez mais diversos, esses novos cidadãos queriam distrações sempre mais variadas. O Carnaval se tornaria uma das principais atividades de lazer do paulistano.
- 14 A historiadora Zélia Lopes da Silva, em seu texto *Os carnavais dos paulistanos da década de 1940 nas ruas e nos clubes da cidade* (2015), descreve que os ambientes que desenvolviam atividades carnavalescas na cidade de São Paulo na década de 1940 eram múltiplos e plurais, como evidenciam os resultados da investigação de diversas fontes. Compunham-se de clubes, associações de classe e esportivas, cinemas e teatros que promoviam, em seus recintos, bailes e atividades variadas durante os Dias Gordos e mesmo antes deles, com as atividades pré-carnavalescas. E determinadas ruas e parques exibiam os desfiles dos cordões, ranchos e escolas de samba, nomeados de carnavais de rua<sup>8</sup>.

- 15 E é pelo Carnaval popular de rua que o sociólogo francês Roger Bastide, recém chegado na cidade, vai se interessar. Em 1939, Roger Bastide ministrou seu primeiro curso de sociologia estética na FFCL-USP. Nesse curso, realizou um panorama histórico e teórico das principais discussões em sociologia estética. No ano seguinte ministrou um curso de sociologia estética brasileira, durante o qual publicou uma série de ensaios no jornal *O Estado de S. Paulo* intitulados “Estudos de sociologia estética brasileira” – que no ano seguinte compilaria no seu primeiro livro publicado no Brasil *Psicanálise do Cafuné e estudos de sociologia estética brasileira* (1941). Os temas abordados nestes ensaios representam uma mostra do conteúdo das aulas de sociologia estética brasileira do curso em questão, cujos temas eram Barroco brasileiro, o mito de Aleijadinho, a influências raciais na arte brasileira e o desafio cantado dos sertanejos nordestinos. É nesse contexto que Roger Bastide também se interessa pelo carnaval paulistano, realizando uma pesquisa que publicaria em três de março de 1940 no jornal *O Estado de S. Paulo* intitulada *Carnaval e imigração*.
- 16 O texto teve como objetivo apresentar aos leitores, nas palavras de Bastide, “algumas reflexões de ordem sociológica sugerida pelos folguedos populares” ocorridos no carnaval na cidade de São Paulo no início de fevereiro daquele ano. Tais reflexões resultaram de pesquisa realizada pelo sociólogo, o que a acuidade etnográfica do texto indica, de observação direta da festa carnavalesca.
- 17 Com uma postura modesta e sempre dialogando com autores brasileiros, Roger Bastide afirma que o texto é um ligeiro estudo, que nada mais pretendia ser que um post-scriptum ao capítulo consagrado ao carnaval por Arthur Ramos, em seu livro *Folclore negro do Brasil*. O autor, em sintonia com as concepções de Arthur Ramos que vimos acima, afirma que o negro, pelo simples contato com as formas europeias de escravagismo, teve sua cultura atacada, mutilada e destruída, porém conservava ainda no fundo do seu ser a nostalgia da África: no Carnaval, sua alma africana como que renasceria. *Aqui surge a primeira tese do autor sobre o carnaval*, para Bastide nessa ocasião a “censura oficial cessa de funcionar, ou pelo menos perde muito de sua força coercitiva”. Para fortalecer seu argumento, sugere que o carnaval é um caso em que se recorreria à distinção bergsoniana entre o “eu” social e o “eu” profundo<sup>9</sup>. Existiria, então, o negro modelado pelo branco e o negro nativo. É este último que nos três dias, rompendo a crosta dos hábitos europeus, se libertaria e se divertiria.
- 18 Partindo dessas premissas de Arthur Ramos sobre o carnaval do Rio de Janeiro, Bastide analisa o Carnaval de São Paulo. Para o autor, em São Paulo, o elemento africano, por uma série de razões sociológicas, não representaria o mesmo papel que no Rio. A cultura africana que em “revanche” vem à tona – dissimulada nas formas tão bem analisadas por Arthur Ramos – no Rio de Janeiro não se mostrava senão de maneira esporádica e parcial. Mas em São Paulo deparava-se com um fenômeno análogo entre os imigrantes que, por força da abolição, vieram substituir a mão de obra negra: italianos, alemães, eslavos, etc.
- 19 Para explicar tal paralelismo, Roger Bastide historiciza o carnaval brasileiro ao dizer que em São Paulo, como no Rio, o Carnaval foi inicialmente uma festa mundana: pelo menos a estratificação social se refletia no domínio do prazer como nos outros; havia a festa aristocrática e a festa de rua; a última, sem apoio na opinião coletiva, não tinha o aspecto brilhante da primeira. No Rio em primeiro lugar, em São Paulo depois, a festa de rua ganhou cada vez mais importância, isso pela integração da burguesia, da classe média e do povo nos prazeres das camadas proletarizadas. Então fica claro o objetivo

sociológico de Bastide em estudar o imigrante no carnaval de São Paulo: no Rio, essas camadas eram compostas pelo africano e, em São Paulo, pelo imigrante, grupo que forneciam os melhores elementos para se estudar a função do Carnaval. Como vemos, o que preocupava o sociólogo francês era a função sociológica do Carnaval.

- 20 Para explicar a função sociológica do imigrante no carnaval de São Paulo, Bastide a compara, mais uma vez, com a função sociológica do negro no carnaval do Rio. A assimilação do africano à cultura do branco foi uma assimilação forçada, imposta e não se realizou em todos os planos, uma vez que os fazendeiros se interessavam pelo negro principalmente como fator econômico e não como futuro cidadão. A assimilação do imigrante, por outro lado, se fazia espontaneamente e por si mesma: era o resultado da pressão muito natural do novo meio social, das necessidades de adaptação ao novo habitat; era um produto do hábito e da impregnação. O autor continua argumentando que durante uma geração ou duas, como muito bem notaram os sociólogos americanos em seus estudos sobre “o homem marginal”, a consciência psíquica dos imigrantes era dúplici. Na intimidade, se verificava um conflito entre os dois “eus”, senão sempre antagonicos, pelo menos muito diferentes um do outro: o “eu” antigo e o “eu” recente constituído lentamente sob toda uma série de influências criadoras. Então, Bastide apresenta sua *segunda tese sobre o Carnaval*: quando ocorre uma excitação coletiva qualquer, se estabelece uma ruptura no equilíbrio das forças psicossociais e, então, o eu antigo reaparece, mas, não sendo a excitação suficientemente forte, ele reaparecerá sob uma forma oculta, como que dissimulado. É o que o autor supõe acontecer no Carnaval.
- 21 Para o sociólogo francês, o Carnaval europeu estava morto na época. Em eu texto, ele evoca memórias de infância antes da guerra de 1914 para afirmar que este se apresentava como a vontade de esquecimento do ser cotidiano, o “eu” de todos os dias, ligando-se ao instinto de disfarce, tão forte nas crianças, e que conservava sua preponderância ainda nos escritores. O Carnaval era o momento em que se mudava de personalidade. No Brasil, pelo contrário, e aqui surge a *terceira tese de Bastide sobre o carnaval*, o Carnaval seria a retomada da personalidade. O autor exemplifica sua tese com as reivindicações nativistas como se manifestavam nas canções populares de Carnaval como em:

“A italiana não tem balangandãs”. Aí justamente que se está o fato, se ele não tem balangandãs, tem o seu costume original, o costume siciliano ou o costume napolitano. A espanhola por sua vez tem seus xales com que se envolve, a mantilha e o pente arpoado na cabeleira armada. O alemão tem o boné de estudante, o tirolez, o chapéu de pena. A húngara, a russa, as populações eslavas tem cada uma suas vestes camponesas, seus diademas de flores. Estes trajes característicos é que nos dias de festa serão trazidos à luz para testemunhar a origem étnica de seus portadores. *Não se trata pois como na Europa, nos países de origem, de buscar-se o esquecimento, de se perder, mas sim de se revelar, de se achar a si próprio* (Bastide, 1940 - grifo meu)

- 22 O sociólogo observa que, no carnaval de São Paulo, os imigrantes adultos, quando na primeira geração, continuam a sentir muito vivamente em si próprios a consciência racial; não experimentavam qualquer necessidade de manifestações exteriores para só darem conta da própria origem; é possível mesmo que não lhes fosse estranho certo temor de mostrar o que eram em sua intimidade. Prefeririam, pois, o disfarce de baiana que destoaria de seus cabelos loiros e de seus olhos azul pálido. Seus verdadeiros sentimentos, eles os corporificariam nos filhos: os meninos ostentavam com prazer o boné dos estudantes alemães, as meninas os costumes camponeses da terra dos antepassados. Manifestar-se-ia, desse modo, o esforço dos pais em manter nos filhos,

que a educação e o ambiente assimilava com rapidez, um pouco do próprio sentimento nacional.

- 23 Para concluir o raciocínio, Roger Bastide retoma a passagem de Arthur Ramos sobre o Carnaval carioca que afirma que ali haveria “todo um trabalho semelhante ao da elaboração onírica (Traumarbeit) encontramos ali: condensações, simbolismo, ‘disfarces’, sublimações, derivações...”. Para o sociólogo é precisamente esse fenômeno que acontece com o imigrante de origem europeia no carnaval de São Paulo. O conflito cultural ficaria transformado em folguedo. Assim, não seria ele o índice de uma oposição, mas sim de que esta oposição estaria em vias de desaparecer. A reivindicação nativista do imigrante europeu no carnaval, longe de provar resistência à assimilação, provaria pelo contrário que a assimilação triunfara e que a reivindicação étnica nada mais seria do que um fenômeno de folguedo, sem consequências profundas para a obra de integração na nacionalidade brasileira.
- 24 Enfim, cabe-nos perguntar: qual o lugar do observador Roger Bastide, enquanto estrangeiro, ao experienciar o carnaval paulista? Em seu trabalho *A Viagem como Vocação*, Fernanda Peixoto trata da relação do sociólogo francês com São Paulo através de textos do autor sobre a cidade, neles a paisagem paulistana aparecia como espaço da convivência dos contrários (Peixoto, 2015, p. 35). São Paulo é apresentada por Bastide como espaço de pluralidade cultural e como terra de estrangeiros, na qual ele, francês, se encontra. Trata-se de reflexão projetada a partir do mergulho na experiência pessoal: as considerações sobre os imigrantes em São Paulo confundem-se com a (auto)análise, com a vivência de um estrangeiro que se diz “conquistado” pelo Brasil. Mas o que chama atenção nesse momento é como o tema da integração do estrangeiro não elimina a dupla pertença (ao Brasil e à terra de origem) e que encontra tradução mais acabada na dualidade noite/dia esboçada em um texto do sociólogo, “De dia eu vivo do Brasil e para o Brasil”, diz ele. “Quando chega a noite, porém, vêm para mim das trevas do sono, incansavelmente, paisagens de outrora” (Bastide, 1943b, s. p.) (Peixoto, 2015, p. 36). Podemos imaginar que o *eu profundo* de europeu assimilado do próprio observador Bastide emergia no carnaval brasileiro, espécie de noite prolongada, junto com os dos foliões estrangeiros observado no carnaval paulistano de 1940.

## 2ª pesquisa de Roger Bastide: O Carnaval de Recife como repositório do folclore

- 25 A segunda pesquisa que Roger Bastide realiza sobre o carnaval brasileiro – agora com mais fôlego –, trata do carnaval de Recife e advém de sua primeira viagem ao nordeste brasileiro em 1944. O relato da viagem foi publicado no livro *Imagens do nordeste místico em branco e preto*, publicado em 1945. Retomando mais uma vez a interpretação de Fernanda Peixoto, o tom do livro oscila de modo deliberado entre a narrativa de viagem – colorida por impressões subjetivas e estados de espírito – e a interpretação sociológica. A obra possui um estilo híbrido e entrecortado, em que se mesclam experiência pessoal, descrição etnográfica e vocação literária (Peixoto, 2015, p. 67). No prefácio, em que o autor resume os objetivos do livro, podemos observar tais pontos:

Outros falarão sobre o dinamismo de um povo voltado para o futuro, os melhoramentos surgidos no domínio da agricultura, a pesquisa do petróleo e minerais, o movimento dos portos, das escolas, dos hospitais e das creches. Na

verdade, também eu admiro aquelas construções-modelo, aquelas fábricas, e o progresso rápido do Nordeste. Mas o importante é, ao progredir, não perder sua alma, a própria alma que os antepassados modelaram. Era ela que me interessava, será sobretudo em sua direção que eu caminhava. Por isso divaguei, sonhei nas velhas igrejas, imiscuí-me aos candomblés, *perdi-me no carnaval*. E dessa viagem encantada apresento aqui um feixe de imagens (Bastide, 1945, p. 9 - grifo meu).

- 26 Nesse trecho também podemos observar a continuidade entre essa nova pesquisa e a anterior sobre o carnaval paulista. Os foliões imigrantes do carnaval de São Paulo dão passagem para os foliões negros do Carnaval de Recife, aproximando ainda mais a nova pesquisa de Bastide das reflexões de Arthur Ramos sobre o Carnaval carioca. O que interessa a Roger Bastide agora é a “alma dos antepassados” negros e indígenas brasileiros “modelados” em igrejas, candomblés e no carnaval. O carnaval de Recife aparece para o sociólogo como repositório por excelência do folclore nordestino.
- 27 Vamos acompanhar de agora em diante as observações sociológicas de Bastide sobre o carnaval de Recife. A primeira coisa que lhe saltava aos olhos em sua nova pesquisa é que haveria no Recife, dois carnavais justapostos. De um lado, nas ruas, nas praças públicas, crianças, mulheres e homens que, arrebatados pela música, caíam no frevo, transformavam-se num delírio de gestos, numa harmonia de volta, de passos, de tremulações estudadas. Seria um carnaval individual, porque não era feito nem em bandos, nem aos pares; se, por vezes, se esboçavam alguns pares, se formavam bandos, não se tratava senão de bandos intermitentes. Cada qual procurava realizar sozinho, sem se preocupar com os outros, o milagre de sua própria alegria. Ao lado dele havia o desfile dos blocos, numa palavra, o carnaval coletivo, cuja beleza viria do equilíbrio das partes e da disciplina do conjunto, onde as danças eram longamente estudadas, ensaiadas, preparadas, com meses e meses de antecedência, à espera dos três dias de triunfo, dos três dias de Carnaval. Aqui cada indivíduo deveria sacrificar-se ao conjunto, consentir em ser apenas uma nota da grande melodia de cores e de gestos. Para Roger Bastide, sem dúvida, essa divisão dos dois carnavais não corresponderia exatamente à separação das raças, todavia, ele observa que a maioria dos espectadores e dos dançarinos de frevo eram brancos, e a maioria dos membros de bloco e clubes eram de cor (Bastide, 1945, p. 197).
- 28 No primeiro carnaval, individual e “branco”, as atenções do sociólogo voltaram-se para o frevo. Ele explica as origens do frevo pernambucano no hábito que os capoeiras tinham de marchar diante das bandas militares nos dias de festa, dançando ao som marcial dos clarins, marcando passo, girando sobre si mesmo no alarido dos cobs, no deslumbramento metálico dos címbalos. Roger Bastide tira desse fenômeno conclusões gerais sobre o Carnaval do Recife, ao afirmar que, com efeito, este repelia a voluptuosidade do samba carioca, não tinha nada de voluptuoso nem, em geral, de sexual. Era marcial e militar.
- Freme, se agita, se remexe como peixe a serem fritos, ao som das marchas endiabradas. Antigamente, chegava a ignorar o canto; hoje a marcha é acompanhada de palavras; a sensualidade carioca sopra, abrandando a violência dos gestos, mas a loucura do frevo continua sempre as danças individuais dos capoeiras de outrora, diante dos bandos em balada. (Bastide, 1945, p. 234-235).
- 29 E é, como já disse acima, da suposição de que o Carnaval do Recife era conservatório de folclore que o autor explica o frevo, ao reconhecer as reminiscências da rasteira da meia lua, da tesoura, de todos os passos da capoeira, agora deformados por causa do calçamento irregular das ruas velhas, das diferenças do caminho, que obrigavam a

modificar os gestos tradicionais para salvaguardar o equilíbrio do corpo - e seria por causa dessa necessidade de manter o equilíbrio que os moleques caíam na onda com guarda-chuva e sombrinhas, dançando a dança inversa de seus corpos de crianças esbeltas e risonhas. É com acuidade de um etnógrafo e sensibilidade de poeta que Roger Bastide descreve o frevo:

Um piruêta sobre si mesmo, o outro se abaixa e dança de pernas dobradas que se alongam, se encurtam, um terceiro estende os braços, ergue as mãos, enquanto um quarto treme com todo o corpo, todo ele é uma sacudidela ritmica, uma agitação musical. Geralmente cada qual dança por si. [...]. Durante um momento eles se balançam, sem se moverem, como se a música fosse um “orixá” prestes a penetrar neles, como se esperassem que o ritmo caíssem sobre eles, e bruscamente caem na onda como outros caem no êxtase (Bastide, 1945, p. 236)

- 30 O frevo, para Bastide, é o triunfo do individualismo. Nessa parte, as conclusões do sociólogo nos remetem bastante às ideias de Arthur Ramos. Para Roger Bastide, não eram somente os restos da capoeira que formaram o frevo, embora esses restos constituíssem, de certa maneira, a sua ossatura. A única coisa que se exigia na dança era não perder o ritmo, mas sobre esse ritmo cada um improvisaria sua dança, o branco, o negro, o mestiço de índio; nessas improvisações, seria natural que o corpo fizesse surgir, do seu inconsciente muscular, de suas heranças ancestrais, as cadências do passado, o cateretê e o jongo, o samba e batuque. Na trama da marcha se entrecruzariam mil filhos das etnias as mais diversas, as umbigadas e as capoeiras teceriam um tapete multicolor onde seus corpos se uniam e se separavam (Bastide, 1945, p. 235-236).
- 31 Mas é o segundo carnaval, o “coletivo” e “negro” que mais interessa ao sociólogo. Para Roger Bastide, dois motivos explicariam essa seleção das etnias em dois carnavais justapostos. Em primeiro lugar o negro permaneceu comunitário; conservou a tendência para a vida cooperativa, trazida da África, com a sua organização tribal. Em todas as regiões da América formaram clubes - como nos Estados Unidos - grupos de trabalho coletivo - como nas Antilhas - e blocos carnavalescos - como no Brasil. O negro seria, essencialmente, um ser social. Como podemos ver, o argumento de Roger Bastide se aproxima bastante do de Arthur Ramos. Roger Bastide argumenta que a escravidão reduziu o negro a uma posição inferior e que, quando livre, não podia usar fitas em suas roupas, jóias em seus peitilhos, fazendas de sedas e bordados - pois o vice-rei proibia tudo quanto pudesse aproximar o negro do branco. O negro, dessa forma, amava poder vingar-se do destino e se paramentar, embora por poucas horas, de cores vivas, roupas suntuosas, transformar-se em príncipe, em damas da corte, em arauto agalado e rutilante sob a luz durante o desfile de Carnaval. O frevo não lhe permitia essa apoteose que conseguia, por outro lado, participando do desfile carnavalesco (Bastide, 1945, p. 197-198).
- 32 Esse desfile fazia com que se sucedessem, nas largas avenidas, não apenas blocos e clubes, mas também maracatus e caboclinhos. Vale a pena citar um trecho onde o autor apresenta sua tese sobre a função social do folclore no Carnaval de Recife. Apesar das particularidades, é notável a semelhança com as conclusões de Arthur Ramos sobre o Carnaval carioca:

Para o folclorista que observa Recife durante o Carnaval parece, com grande nitidez, que esse carnaval é uma espécie de conservatório dos antigos hábitos e tradições. Tudo quanto existia antigamente, tudo quanto fazia parte integrante da comunidade de outrora, que tinha uma função social, separou-se da estrutura do grupo com as transformações da sociedade que se seguiram aos progressos da

urbanização. *Esses costumes de antigamente, sem mais nenhuma ligação com o real, não morreram, porém; flutuaram durante um momento e depois, por fim, procuraram um novo quadro no qual se inscrever, e acabaram por sossobrar no Carnaval.* Já vimos que o frevo descende em linha reta da capoeira de Angola, o maracatu é uma antiga dança de nações, e os caboclinhos, danças indígenas (Bastide, 1945, p. 199 - grifo meu).

33 Por último vale a pena registrar um último ângulo de observação que o sociólogo apresenta sobre o carnaval de Recife. Para Roger Bastide, da mesma forma que o Carnaval seria um repositório do folclore ele também, o destruiria. Em uma passagem do texto sobre o Maracatu, podemos observar a visão que o sociólogo possuía do folclore como resistência ao desenvolvimentismo capitalista brasileiro<sup>10</sup>. Para o autor, o Maracatu era a continuação das antigas festas de coroamento dos reis. Mas a Igreja, por não querer mais unir a missa sagrada às danças dos negros, a música do órgão ou da harmônica aos atabaques e às cuícas, pôs para fora do santuário a rainha, o rei. O resultado teria sido uma degradação do Maracatu, só encontrando lugar para existir no Carnaval, onde eliminaria, pouco a pouco, os últimos vestígios do cristianismo e destruiria, ou pelo menos tenderia a destruir, toda uma beleza folclórica que, na opinião do sociólogo, deveria ser protegida. O Carnaval que cercava a procissão, com sua loucura sensual, com a exuberância de seus gritos, com o frenesi de seus frevos, não poderia deixar, por outro lado, de exercer sobre ela sua influência degradante. Produz-se aqui algo de análogo ao que teria acontecendo às Pastorinhas, que não eram mais o que haviam sido antes, um cortejo piedoso de moças vestidos de branco ou azul, para cantar diante do presépio de Jesus, e sim uma mistura de sambas profanos, de árias de óperas da moda e de palhaçadas de circo. Para Bastide, o rádio e o disco estariam matando a beleza simples das coisas (Bastide, 1945, p. 184).

34 Aqui vale refletir sobre a posição do sociólogo francês ao experienciar o carnaval brasileiro. Para isso, transcrevo um relato emocionado de Roger Bastide sobre a experiência que teve em meio a um desfile de Maracatu no Carnaval de Recife :

Lembro-me do mal estar que me invadiu, na tribuna da Federação carnavalesca, quando vi avançar, entre os blocos, os clubes, os troças e os cordões, na violência das marchas militares, entre a multidão que não era mais do que uma imensa ondulação de corpos pulando e girando, os Maracatus tradicionais, o Elefante, com seus negros bons, o Leão Coroado, com seus cafuzos de olhos dotados de brilhos estranhos. O batuque surdo dos atabaques, a voz delicada e baixa das toadas se perdiam entre os ruídos do Carnaval, o passo ritual das danças desaparecia no fervilhar da multidão. Tapo meus ouvidos, fecho meu coração a tudo quanto não é esse gemido, essa queixa dos “orixá” aprisionados, dos negros lançados fora das capelas rústicas, e curvo ligeiramente a cabeça quando a Rainha nos saúda com seu cetro e quando a Calunga se ergue, bela em sua rigidez de ídolo, acima de seu povo, acima da massa humana, acima do Recife infiel e perjuro (Bastide, 1945, p. 185).

## Conclusão

35 Por fim, podem se levantar breves apontamentos sobre a contribuição das pesquisas de Roger Bastide para a compreensão do Carnaval brasileiro; e sobre a possibilidade da relação entre essas pesquisas feitas nos anos 1940 com as realizadas no âmbito das Ciências Sociais dos anos 1970.

36 O que se sobressai nessas duas pesquisas de Roger Bastide sobre o carnaval brasileiro - além de diversas contribuições pontuais - é a quebra do lugar comum que propunha que o Carnaval brasileiro seria uma fuga do indivíduo da realidade social. Como vimos

acima, grosso modo, para o sociólogo, o carnaval brasileiro seria o contrário, seria uma expressão do “espírito” de grupos sociais que tendem a ter sua cultura coagida no dia a dia, como por exemplo, imigrantes e negros. Essa tese percebida nessas pesquisas pioneiras será desenvolvida em textos posteriores de Bastide, como vemos nessas duas passagens a seguir:

O gosto do disfarce é geral e os psicólogos que o estudaram quiseram nele ver a manifestação desse desejo que todos temos de realizar uma fuga do social e nos livrar de nossa personalidade habitual. No Carnaval, todos os complexos recalçados, todas as tendências inibidas, rompendo a censura do grupo, libertam-se para agir no exterior revestindo-se, para não escandalizar o social, dos símbolos dos disfarces míticos. A ser verdadeira tal teoria, o homem de todo dia é que verdadeiramente seria o homem mascarado, o que representa um papel que é imposto pelo meio, e o homem disfarçado seria a personalidade real, o homem nu de verdade (Bastide, *O homem de máscara*, 1945b, s/p)

O carnaval atende a uma necessidade puramente sociológica, a da libertação das imposições sociais que enfreiam os indivíduos. Momento de euforia, de loucura coletiva, de mistura dos sexos, das classes ou das raças. Mas justamente porque é uma desforra das imposições do meio, o carnaval explodirá com maior ardor nas cidades, Recife, Salvador, Rio de Janeiro. Ele se tornará um catalizador do folclore que já não sabe situar-se nos fastos das metrópoles (Bastide, *Sociologia do folclore brasileiro*, 1959, p. 35-36).

- 37 Por fim, pode-se considerar haver uma continuidade e influência das pesquisas de Roger Bastide sobre o Carnaval Brasileiro no âmbito das Ciências Sociais. Como vimos, as pesquisas sobre o carnaval brasileiro se proliferaram nos anos 1970 a partir de dois focos: as pesquisas de Roberto da Matta e as realizadas no Centro de Estudos Rurais e Urbanos da USP (CERU) dirigido pela socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz. Foi a partir desse segundo foco que as pesquisas de Roger Bastide sobre o Carnaval tiveram reverberação mais direta. Maria Isaura – sua aluna – foi aquela que talvez mais divulgou a obra de Roger Bastide no Brasil e na França. Em 1976, forma no CERU um grupo interessado em pesquisar o Carnaval brasileiro. A primeira tarefa foi fazer um amplo levantamento bibliográfico sobre o tema, e as pesquisas de Roger Bastide com certeza não ficaram de fora do levantamento (Cadernos CERU, 1978; Von Simson, 1999). Apesar de não ser o foco deste artigo, vale apontar que a perspectiva e os resultados das pesquisas pioneiras de Roger Bastide – tanto em forma de citação quanto na semelhança das conclusões –, estiveram presentes nos trabalhos desses pesquisadores do CERU<sup>11</sup>. Esses trabalhos representam hoje uma linhagem consistente dos estudos do carnaval pelas ciências sociais e referência obrigatória a novos estudos sobre o tema.

---

## BIBLIOGRAFIA

Arruda, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e cultura. São Paulo no meio século XX*. Bauru: Edusc, 2001

Bastide, Roger. État actuel des études afro-brésiliennes, in *Revue Internationale de Sociologie*, vol. 47, n° 1-2, pp. 77-89, 1939a.

- ..... . *A sociologia francesa contemporânea*, in O Estado de São Paulo, 14 & 18 juin, p. 4, 1939b.
- ..... . *Carnaval e imigração*, in O Estado de São Paulo, p. 4-5, 03 de março de 1940.
- ..... . *O homem disfarçado em mulher*, in Rumo, pp. 17-22. Rio, vol. 1, n° 3, 4. Junho de 1943a.
- ..... . *A França noturna*, in O Diário de S. Paulo, 26 jun. 1943b.
- ..... . *O carnaval de Recife*, in Revista do Brasil, pp. 49-52. São Paulo, n° 1. Abril de 1944.
- ..... . *A Lição do carnaval de Recife*, in Diário de São Paulo, p. 4. 03 de março de 1944.
- ..... . *Imagens do nordeste místico em branco e preto*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1945a.
- ..... . *O homem de máscara*, in Diário de São Paulo, p. 4. 19 de outubro de 1945b.
- ..... . *Sociologia do folclore brasileiro*. São Paulo, Anhembi, 1959.
- ..... . *Le carnaval brésilien*, in United States Lines, n° Spécial : La fête, 1960.
- ..... . *Les carnivals du Brésil*, in Revue Française de l'Élite Européenne, n° 150, pp. 69-71, 1963.
- Beylier, Charles. *L'ouvre Brésilienne de Roger Bastide*. Tese de Doutorado, 3o ciclo. Paris, 2 vols. 1977. Cadernos CERU. São Paulo, n. 11, 1ª série, 1978.
- Cavalcanti, Maria Laura. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*, Rio Janeiro, FUNARTE/UFRJ, 1994.
- ..... . *O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.
- Da Matta, Roberto. "O Carnaval como rito de passagem" - in *Ensaio de Antropologia Estrutural*. Petrópolis, Vozes, 1ª ed, 1973.
- ..... . *Carnaval, malandros e heróis*. Rio de Janeiro, Zahar Ed. 1979.
- Ferreira, Lígia F. Apresentação. In Ramos, Arthur. *O folclore negro do Brasil: demopsicologia e psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 3ª ed. 2007
- Goldwasser, Maria Julia. *O palácio do samba* (Estudo antropológico da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- Leopoldi, José Sávio. *Escola de Samba: Ritual e Sociedade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1978
- Nobre, Maria Tereza Roxo. "Meandros da participação formas de compartilhar o espaço" (Ensaio sobre o carnaval baiano) - *Ciência e cultura*, Revista da sociedade brasileira para o progresso da ciência, São Paulo, ano 30, n° 5, Agosto, 1978.
- Ortiz, Renato. Reflexões sobre Carnaval. *Ciência e Cultura* (São Paulo), v. 28, n.12, 1976.
- ..... . Carnaval: reflexões II. *Cadernos CERU* (São Paulo), n. 11, 1ª série, 1978.
- Peixoto, Fernanda Arêas. *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000.
- ..... . *A viagem como vocação. Itinerários, parcerias e formas de conhecimento*. São Paulo: Fapesp/Edusp, 2015.
- Queiroz, Maria Isaura Pereira de. "Évolution du Carnaval Latino-Américain" - *Diogenes*, Paris, n° 104, outubro-dezembro, 1978a.
- ..... . "Da definição do Carnaval" - *Cadernos, São Paulo, Centro de Estudos Rurais e Urbanos*, 1ª série, n° 11, setembro, 1978b.

..... . Atores, espectadores, serviços na festa carnavalesca” - *Cadernos Intercom*, São Paulo, Ano 2, nº 5, Julho, 1983a.

..... . “Nostalgia do outro e do alhures: a obra sociológica de Roger Bastide”. In: *Roger Bastide*. São Paulo, Ática, pp. 7-77, 1983b.

..... . “Carnaval brasileiro: da origem européia ao símbolo nacional” - *Ciência e cultura, Revista da sociedade brasileira para o progresso da ciência*, São Paulo, ano 39, nº 8, Agosto. 1987.

..... . *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Editora brasiliense, 1992.

Ramos, Arthur. *O folclore negro do Brasil: demopsicologia e psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, [1935] 3ª ed. 2007.

Silva, Vagner G. da. “Religiões afro-brasileiras. Construção e legitimação de um campo do saber acadêmico” (1900-1960). *Revista USP*, São Paulo, USP-CCS, n. 55 (pp. 82-111), 2002.

Silva, Zélia Lopes. Os carnavais dos paulistanos da década de 1940 nas ruas e nos clubes da cidade. In: *Dimensões da cultura e da sociabilidade: os festejos carnavalescos da cidade de São Paulo (1940-1964)* [online]. , pp. 25-97. São Paulo: Editora UNESP, 2015

Von Simson, Olga Rodrigues de Moraes - “Family and Carnival during 19th Century in Brazil - *Society and leisure*, Montreal, vol 1, nº 2, novembro, 1978.

..... . *A burguesia se diverte no reinado de Momo: sessenta anos de evolução do Carnaval na cidade de São Paulo (1855-1915)* - São Paulo, Tese de Mestrado, FFLCH-USP, 1984.

..... . *Branco e negro no Carnaval popular paulistano* - São Paulo, Tese de Doutorado, FFLCH-USP, 1989.

..... . Carnaval, pesquisa e a criação de um espaço de reflexão e discussão sobre esse tema no CERU. IN: Kosminsky (org). *Agruras e prazeres de uma pesquisadora: ensaios sobre a sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz*. Marília: Unesp, 1999.

Zaluar, Alba. “O Clóvis ou a criatividade popular num carnaval massificado” - *Cadernos CERU*, São Paulo, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, 1ª série, nº 11, setembro, 1978.

## NOTAS

1. Os trabalhos apresentados na *Jornada* junto com um relatório das atividades foram publicadas no *Cadernos CERU (São Paulo)*, n. 11, 1ª série, 1978. A gestação e os bastidores do encontro foram descritos por Olga Rodrigues de Moraes Von Simson em *Carnaval, pesquisa e a criação de um espaço de reflexão e discussão sobre esse tema no CERU* (Kosminsky, 1999).

2. Para listar alguns dos trabalhos: Goldwasser (1975); Ortiz (1976;1978); Queiroz (1978a; 1978b; 1983a; 1987; 1992); Nobre (1978); Leopoldi (1978); Von Simson (1978; 1984; 1989); Zaluar (1978); Rodrigues (1984); Cavalcanti (1994;1999).

3. Os textos que Roger Bastide tratam de carnaval são: *O homem disfarçado em mulher* (1943a); *O carnaval de Recife* (1944); *A Lição do carnaval de Recife* (1944); *O homem de máscara* (1945); *Sociologia do folclore brasileiro* (1959); *Le carnaval brésilien* (1960); *Les carnivals du Brésil* (1963).

4. Para uma visão geral do período brasileiro de Roger Bastide ver o trabalho pioneiro de Charles Beylier, *L'oeuvre brésilienne de Roger Bastide* (1977); a introdução de Maria

Isaura Pereira de Queiroz para coleção *grandes cientistas sociais Roger Bastide* (1983b); e o instigante livro de Fernanda Peixoto, *Diálogos brasileiros* (2000) que trata da interlocução do sociólogo francês com pensadores brasileiros.

5. Encontra-se em andamento uma pesquisa sobre o programa de sociologia da cultura de Roger Bastide. Esse programa supunha a realização de trabalhos sobre cultura erudita (artes plásticas, literatura, arquitetura, música, teatro) e popular (música, literatura e dança popular). Ele se desenvolveu a partir da cadeira de Sociologia I, da qual Bastide era catedrático, mas incorporou professores assistentes e auxiliares de ensino dessa e de outras cadeiras, que haviam sido seus alunos e alunas, desde seu ingresso como professor na USP em 1938. Cito alguns deles: Gilda de Mello e Souza, Antonio Candido, Ruy Coelho, Florestan Fernandes, Lourival Gomes Machado, Mario Wagner Vieira da Cunha, Oswaldo Elias Xidieh, Lavinia Costa Vilela, Maria Isaura Pereira de Queiroz, dentre outros.

6. Em 1934, Arthur Ramos, muda-se para o Rio de Janeiro para assumir a direção da Seção Técnica de Ortofrenia e Higiene Mental do Departamento de Educação e Cultura do Distrito Federal. Com a criação da Universidade do Distrito Federal, em 1935, devido ao empenho de Anísio Teixeira, Arthur Ramos assume a cadeira de Psicologia Social. Em 1939 é indicado para ocupar a cátedra de antropologia e etnografia da recém-criada Faculdade Nacional de Filosofia. Como decorrência da atuação acadêmica cria em 1941 a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia. Arthur Ramos faleceu em 1949 em Paris, na França.

7. Para Arthur Ramos o inconsciente folclórico “pode ser considerado uma antiga estrutura indiferenciada, que irrompe na vida do civilizado sob a forma de superstições, sobrevivências, valores pré-lógicos, folclore, em suma. Estamos num terreno comum onde se encontram os critérios metodológicos da antropologia cultural, da psicanálise e da Gestalt. O pensamento mágico, arcaico, pré-lógico - no primitivo, no sonho, na neurose, na esquizofrenia, na arte expressionista... - é uma função desse inconsciente folclórico, cuja pesquisa se torna indispensável no conhecimento espectral de uma civilização. O seu conteúdo é que varia, dando colorações específicas às várias formas de cultura” (Ramos, 2007, p. 231). O inconsciente folclórico seria então “formador de um núcleo comum a todos os povos e cujos conteúdos apenas se manifestam diferentemente no plano da cultura. Daí a constatação final [para Arthur Ramos] de um relativismo que inviabilizaria a classificação dos homens em ‘superiores’ e ‘inferiores’ ” (Ferreira, 2007, p. XIX).

8. Para uma história do carnaval paulistano, ver os já citados trabalhos de Von Simson (1978; 1984; 1989).

9. Em 1939, Roger Bastide publica no *Estado de S. Paulo* o texto *A sociologia francesa contemporânea - I - Bergsonismo e sociologia* em que faz um balanço da fecundidade da filosofia de Bergson na Sociologia francesa contemporânea. A sociologia durkheimiana, após a I Guerra Mundial, utilizou o bergsonismo das duas memórias ou dos dois eus, o eu profundo e o eu socializado, com Halbwachs. Para Bergson, o eu criado pela vida social é superficial, e que o papel do filósofo é despertar o verdadeiro eu profundo, que dorme em nós, mas que é o único capaz de nos garantir a alegria e a liberdade criadora (Bastide, 1939b)

10. Para a discussão do folclore enquanto resistência ao capitalismo brasileiro ver o capítulo “Roger Bastide e Florestan Fernandes: Dilemas da modernização” do já citado livro *Diálogos Brasileiros* (2000) de Fernanda Peixoto.

11. Para citar alguns desses trabalhos: Renato Ortiz: *Reflexões sobre Carnaval* (1976), *Carnaval: reflexões II* (1978); Maria Tereza Roxo Nobre: *Meandros da participação formas de compartilhar o espaço (Ensaio sobre o carnaval baiano)* (1978); Olga Rodrigues Von Simson: *A burguesia se diverte no reinado de Momo: sessenta anos de evolução do Carnaval na cidade de São Paulo (1855-1915)* (1984), *Branços e negros no Carnaval popular paulistano* (1989); Maria Isaura Pereira de Queiroz: *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito* (1992).

---

## RESUMOS

O principal objetivo deste artigo é a divulgação de duas pesquisas pioneiras no âmbito das ciências sociais acerca do Carnaval brasileiro realizadas pelo sociólogo francês Roger Bastide. A primeira se deu no ano de 1940, onde aborda o carnaval paulistano, os resultados foram publicados no jornal *O Estado de S. Paulo* sob o título *Carnaval e imigração* [1940]; e a segunda trata do carnaval de Recife, em pesquisa oriunda de viagem realizada em 1944 ao nordeste, o relato foi publicado no livro *Imagens do nordeste místico em branco e preto* [1945]. Duas questões são exploradas no artigo: qual a contribuição das pesquisas de Roger Bastide para se compreender o carnaval brasileiro? Na década de 1970 houve uma sistematização e proliferação dos estudos sobre o carnaval nas ciências sociais, qual a influência dessas primeiras reflexões nessas pesquisas? Espero que desse modo possa contribuir, mesmo de forma modesta, para uma história dos estudos sociológicos e antropológicos do carnaval brasileiro.

The main objective of this article is the dissemination of two pioneering researches in the social sciences about the Brazilian Carnival carried out by the French sociologist Roger Bastide. The first took place in the year 1940, where it approaches the Carnival of São Paulo, the results were published in the newspaper *O Estado de S. Paulo* under the title *Carnival and Immigration* [1940]; and the second is about the carnival of Recife, in a research from the 1944 voyage to the northeast, the report was published in the book *Images of the Northeast Mystic in Black and White* [1945]. Two questions are explored in the article: what is the contribution of Roger Bastide's research to understand the Brazilian carnival? In the 1970s there was a systematization and proliferation of studies on carnival in the social sciences, what is the influence of these first reflections in these researches? I hope that in this way it can contribute, even modestly, to a history of the sociological and anthropological studies of the Brazilian carnival.

## ÍNDICE

**Keywords:** roger bastide, carnival, sociology of culture

**Palavras-chave:** roger bastide, carnaval, sociologia da cultura

## AUTOR

**WILLIAM SANTANA SANTOS**

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo. Membro do Núcleo de Sociologia da Cultura da USP.